



A Cultura Inserida no Jornalismo Semanal: Uma Análise Comparativa Entre as Revistas Época e Istoé¹

Milena Aparecida dos SANTOS²
Raphael MOROZ³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

O presente trabalho se propõe a realizar uma análise quantitativa e qualitativa das duas primeiras edições de março de 2010 das revistas Época e Istoé através de um olhar cultural. Foram considerados, portanto, o espaço que as publicações de variedades concederam a anúncios publicitários, o número de páginas destinadas a abordagens culturais, e o conteúdo e a estética dos textos referentes a esse assunto.

Palavras-chave

Cultura; revista; jornalismo; comunicação

Corpo do trabalho

Introdução

O presente trabalho propõe uma análise quantitativa e qualitativa dos conteúdos relacionados ao segmento de cultura das duas primeiras edições do mês de março das revistas Época e Istoé. Entre os pontos considerados, está o espaço destinado à publicidade dentro de ambas as publicações, tanto na seção de cultura quanto em outras editorias.

Sérgio Vilas Boas (1996) afirma que a reportagem é a própria alma da revista, e o seu texto deve ser uma grande história. A partir dessa constatação, foi realizada uma comparação entre os enfoques dados por cada uma das revistas a assuntos relacionados ao segmento cultural, tendo sido verificados elementos como profundidade, linguagem e estética visual.

Esse último elemento engloba, além de outros recursos, a fotografia. De acordo com Marília Scalzo (2003), ao abrir uma página, a primeira coisa que o leitor identifica

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UP, e-mail: milenamanfron@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UP, e-mail: raphaelmoroz@gmail.com



são as fotos. Tomando como base a afirmação da jornalista, o tamanho e a posição das imagens nas páginas foram devidamente avaliados em ambas as publicações.

O trabalho também aprofundou questões referentes ao jornalismo cultural e ao conceito de revista em dois capítulos, onde foram utilizados os fundamentos de vários teóricos que chegaram a abordar os assuntos.

1 Análise das Revistas

1.1 Análise Quantitativa

A análise quantitativa referente à edição de número 2104 da revista Istoé mostra que, entre as 132 páginas da publicação, 57 foram destinadas a anúncios publicitários, totalizando 43,18%. Destas 57 páginas, dez traziam o anúncio do banco *Santander* sobre variados focos, três abordavam a nova edição da revista Istoé Dinheiro e uma era a publicidade da própria revista Istoé. Entre as outras 47 páginas, os temas publicitários mais abordados foram bancos, veículos automotores e produtos eletrônicos.

Para a editoria de Cultura, foram reservadas 11 páginas, representando 8,3% do total de páginas da publicação. Além dessa quantia, duas páginas da revista abordaram uma das vertentes mais importantes do jornalismo cultural atualmente: o entretenimento (GONZALEZ, 2009), e outras quatro mesclaram assuntos culturais e de entretenimento com outras editorias, tais como meio ambiente e política.

A edição de número 616 da revista Época possui 140 páginas, estando 57 páginas destinadas à publicidade, o que totaliza 40,7% da publicação. Além das páginas de anúncios, foram evidenciadas aquelas que mesclam reportagens com propagandas. Ao todo, foram três os anúncios publicitários presentes em páginas de reportagens jornalísticas.

Nessa revista, 17 páginas foram reservadas à editoria de Cultura, quantia que representou 12% do total de páginas da publicação. Em duas delas, o valor-notícia *entretenimento* estava presente. Além disso, aspectos culturais estiveram representados em outras 12 páginas da revista Época, tendo sido mesclados com assuntos como política e tecnologia.

1.2 Análise Qualitativa



Ao analisar qualitativamente as revistas *Época* (edição 616) e *Istoé* (edição 2104) através de um olhar cultural, é possível constatar que as duas publicações abordaram a mesma temática: a doação da biblioteca particular do empresário José Mindlin à Universidade de São Paulo. No entanto, as revistas optaram por focos completamente diferentes.

Enquanto que *Istoé* analisou o tema a partir da dificuldade de transferir acervos particulares a instituições públicas no Brasil, *Época* realizou uma biografia completa da vida e obra de José Mindlin. Além disso, a revista fez uma associação – no final da reportagem – entre a doação da biblioteca do empresário e a atual crise que envolve o mundo das letras, já que o futuro dos livros está sendo posto em xeque devido à revolução digital (DEODATO, 2010).

Dessa maneira, a reportagem-perfil feita pela revista *Época* merece destaque, já que, segundo Daniel Piza (2003), perfis que relacionam a personalidade do personagem com a sua obra estão em falta dentro do âmbito do jornalismo cultural.

O tipo de linguagem adotado pelas duas publicações em relação ao mesmo tema também foi diferente. Ao contrário da reportagem *O exemplo de Mindlin*, da revista *Istoé*, o registro de *Época* utilizou uma linguagem mais descritiva e contextualizada, características que, segundo Marília Scalzo (2003), podem estar presentes no texto de revista, já que ele precisa de um “tempero a mais” (p. 76).

O seguinte trecho da reportagem evidencia as características que foram conferidas a ela:

Quem vê seu legado espalhado por dezenas de prateleiras não imagina que tudo começou quando Mindlin tinha apenas 13 anos – e seu programa favorito era passear pelos sebos de São Paulo no final dos anos 20. O primeiro exemplar que lhe fez brilhar os olhos foi ‘Discurso sobre a história universal’, escrito em 1740 pelo teólogo francês Jacques-Bénigne Bossuet (DEODATO, 2010, p. 120).

Em relação à estética das reportagens, ambas as publicações deram destaque a fotos e infográficos, mas *Época* o faz de maneira mais intensa. Além de três fotos, a revista fez uma cronologia com as datas mais importantes da vida do empresário (em que foram utilizadas fotografias menores), criou um box sobre os livros mais raros de sua biblioteca (que continha a ilustração da capa das obras e curiosidades referentes a elas) e construiu uma simulação fotográfica do local que abrigará os 17.000 livros do acervo de Mindlin (*Ibidem*).



A primeira foto da reportagem *O leitor* – da revista *Época* – ocupa a página inteira, estando o título e o início do texto da reportagem situados em cima dela, em cor branca. Ela mostra José Mindlin observando o seu acervo de livros. Pelo destaque recebido e por ser mais informativa do que o próprio texto, a fotografia citada pode ser classificada como uma *imagem superior ao texto* (SANTAELLA; NORTH, 2002 *apud* PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 113).

Com uma abordagem mais modesta que a da revista *Época*, Istoé fez uso de três fotos e um infográfico⁴. O uso deste último elemento foi importante dentro da reportagem, pois trouxe informações relevantes sobre o contexto do tema, tais como o número de títulos que a biblioteca de José Mindlin possui e o preço que ele pagou por uma de suas obras.

Dessa maneira, o infográfico empregado complementou a notícia e enxugou o volume do texto, características que, segundo Luiz Costa Pereira Júnior (2006), fazem com que esse elemento visual tenha valor dentro do jornalismo impresso.

Para as artes cinematográficas, a revista Istoé reservou duas páginas. Nelas, o repórter Ivan Cláudio discorreu sobre o filme *Ilha do medo*, tendo utilizado como foco a parceria entre Martin Scorsese – o diretor da obra – e o ator Leonardo DiCaprio – protagonista do filme.

Apesar de o foco não ter sido o filme em si, a reportagem – que não possui fontes declaratórias – fez uma análise crítica da produção cinematográfica. O seguinte trecho comprova essa constatação: “O enredo de *Ilha do Medo* lembra um pesadelo. Num suspense alucinante, a cada nova cena nada mais é o que parece – e essas reviravoltas tornam mesmo difícil manter uma unidade de atuação” (CLAUDIO, 2010, p. 120).

A reportagem de Istoé apresentou também um box - cujo título é *Dramas históricos, biografia e policiais* - com a descrição dos quatro filmes em que Leonardo DiCaprio foi dirigido por Martin Scorsese. A superfície retangular onde o título do box está situado chama a atenção, já que utilizou a cor azul para contrastar com o fundo branco da reportagem. De acordo Williams (2006, p. 63), “cria-se o contraste quando dois elementos são diferentes”.

⁴ O infográfico pode ser definido como “a informação jornalística em linguagem gráfica”. Ele pode informar o leitor em forma de imagem, explicar o funcionamento de algo ou conceituar determinado objeto (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 125).



A revista *Época* também abordou *Ilha do medo* em sua edição de número 616, mas o fez através de uma entrevista com Martin Scorsese. Primeiramente, o repórter Marcelo Bernardes (2010) contextualizou o tema descrevendo os momentos que antecederam a entrevista com Scorsese, tendo citado, inclusive, o comportamento do diretor. Posteriormente, Bernardes faz um resumo da sinopse do filme. Depois disso, mais de uma página é destinada a entrevista com Martin Scorsese, que falou sobre as dificuldades de filmar *Ilha do medo*, a quarta parceria com o ator Leonardo DiCaprio e as mudanças que a tecnologia trará para a sétima arte (BERNARDES, 2010).

Pelo fato de se tratar de uma entrevista com alguém que participou ativamente da produção do filme, e que, por isso, possui interpretações pessoais sobre todo o processo, ela pode ser classificada como *testemunhal* (LAGE, 2004).

Nas duas páginas da entrevista, há duas fotos - a primeira mostra o diretor Martin Scorsese em primeiro plano, com o fundo completamente desfocado - e a segunda é uma das cenas do filme. Elas podem ser classificadas, respectivamente, como *inferior ao texto*, e como *complementar a ele* (SANTAELLA; NORTH, 2002 *apud* PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 113 e 114).

A revista *Época* também trouxe uma entrevista com o ator Robert Pattinson, realizada pelo mesmo repórter que entrevistou Martin Scorsese. O relato inicial do repórter chama a atenção, pois ele resgatou no texto sensações que teve e situações pelas quais passou no decorrer da entrevista com o protagonista do filme *Crepúsculo*: “Entrevistá-lo é como fazer aniversário. São tapinhas nas costas e trocas de pequenos subornos que vão de gratidão eterna, passando por bolinhos de baunilha até um suborno de US\$ 200 oferecido por um repórter de um tablóide que está na porta do hotel à caça de informações sobre o ator inglês” (BERNARDES, 2010).

Em termos de estética visual, há um elemento de contraste que chama a atenção assim que os olhos visualizam a primeira página da entrevista: uma frase entre aspas de Pattinson, que afirma que tenta satisfazer todos os fãs que o procuram para tirar fotos, mas se irrita quando alguém tenta tirá-las sem a sua autorização (*Ibidem*). Nesse caso, a responsável pelo contraste foi a fonte⁵ utilizada - completamente diferente da empregada no decorrer da entrevista.

Em termos de publicações recentes, a cobertura da edição número 2104 de *Istoé* pode ser considerada abrangente. Ela trouxe reportagens referentes a dois lançamentos

⁵ De acordo com Robin Williams (2006), fontes completamente diferentes podem causar contraste.



de livros – um sobre as fotografias que foram roubadas da Biblioteca Nacional – e outro sobre o dia em que a Assembleia alagoana foi palco de um conflito de cunho político.

Na reportagem a respeito do livro *Curral da Morte*, o fato envolvendo o tiroteio que ocorreu dentro da Assembleia de Alagoas foi bem contextualizado. Um infográfico colaborou muito para isso, pois revelou curiosidades sobre o acontecimento – tais como o número de projéteis de revólveres que foram disparados. No entanto, não há uma análise crítica sobre a publicação do escritor Jorge Oliveira (RANGEL, 2010).

A reportagem referente ao lançamento do livro *2005-510117385-5* – sobre o furto que aconteceu na Biblioteca Nacional em 2006 (ALZUGARAY, 2010) – pode ser dividida em duas partes: na primeira, a repórter contextualizou o roubo das fotografias, tendo exposto dados gerais sobre os bens culturais desaparecidos no Brasil. Na segunda parte, a repórter teceu opiniões sobre o livro, além de tê-lo associado ao documentário *Vera Cruz*.

Visualmente, há o que Robin Williams (2006) chama de *conflito*: em um box de cor bege - situado na mesma página da reportagem sobre o livro *2005-510117385-5* - há uma matéria sobre a exposição *Entre Atos*. No entanto, ao olhar a página onde o box está localizado, a impressão que se tem é de que este se refere à reportagem sobre o livro de Rosângela Rennó, quando ele, na verdade, trata de outro tema.

A edição de número 616 da revista *Época* também realizou uma cobertura eficaz em relação às publicações recém-lançadas, pois apresentou, assim como a revista *Istoé*, duas reportagens. Em *O estranho em nós mesmos*, José Castello fez uma crítica à obra recém-lançada *Um episódio distante*, do escritor americano Paul Bowles.

Daniel Venticinque partiu para o mesmo caminho ao abordar o livro *Clóvis Beviláquia – Um senhor brasileiro*. Em comum, as duas reportagens têm o seguinte: ambas vão contra a tendência atual da crítica, que é, segundo Daniel Piza (2003), cada vez mais baseada no achismo e no comentário mal fundamentado.

Bem escrita e organizada, a reportagem de Venticinque iniciou com um apanhado histórico sobre o jurista Clóvis Beviláquia. Depois dessa introdução, que contextualiza o leitor a respeito do assunto tratado, o autor partiu para a análise crítica sobre o livro - organizado pelo historiador Cássio Schubsky.

A reportagem de José Castello pode ser considerada tão bem construída quanto a de Venticinque, apesar de ter optado por uma estrutura diferenciada: primeiramente, o tema do livro *Um episódio distante* foi apresentado e, posteriormente, o repórter discorreu sobre o seu conteúdo, fazendo referência a carreira e vida de Paul Bowles. Na



revista Istoé, o lançamento desse mesmo livro mereceu apenas uma pequena nota, com direito a uma foto pequena de seu autor e uma ilustração da publicação.

Quanto à diagramação, ambas as reportagens de Venticinque e Castello são harmoniosas visualmente, mas a de Venticinque possui um diferencial: a foto de um documento histórico publicado em um livro pela primeira vez – no caso, em *Clóvis Beviláquia – Um senhor brasileiro*. Trata-se do decreto de extradição de Olga Benário Prestes (VENTICINQUE, 2010).

Ao analisar as publicações *Época* e *Istoé* com um olhar voltado para os espetáculos brasileiros, constata-se que só na segunda revista existe uma seção cultural com um resumo das apresentações culturais em circuito no Brasil. Ela abordou temas como o lançamento da versão brasileira do musical inglês *Cats* e o filme *Coração Louco*, além de ter apresentado uma agenda com os dias em que alguns espetáculos aconteceriam. Esta estava situada na segunda página da seção *Em Cartaz*, em um box à direita.

Daniel Piza (2003) já discorreu sobre a submissão do jornalismo cultural ao cronograma de eventos no livro *Jornalismo cultural*, onde afirma que o leitor recebe muitas informações sobre produtos como discos, filmes e livros no momento em que eles são lançados e até mesmo antes de sua chegada no mercado. A seção *Em cartaz* da edição de número 2104 de *Istoé* é, portanto, um exemplo disso.

Uma atitude comum às duas publicações é a sobrevalorização de celebridades. Na revista *Época*, é possível visualizar uma lista com as celebridades instantâneas que mais chamaram a atenção na internet durante a semana. A lista ocupou a página 20 inteira, e trouxe as fotos de cada celebridade mencionada. A mesma revista utilizou duas páginas para discorrer sobre celebridades a nível de outros países, como Carla Bruni (cujas fotos ocupou praticamente a metade de uma das páginas) e Kelly Osbourne.

Em *Istoé*, as fofocas a respeito de celebridades mundiais estavam situadas na seção *Semana*. Entre elas, se destaca a nota opinativa que falou sobre a cantora Lady Gaga e seu vestuário – considerado bizarro pela repórter Bruna Cavalcanti (2010).

Além disso, em sua coluna na revista, Ricardo Boechat trouxe uma nota sobre a separação da cantora Claudia Leitte. Ao refletir sobre a valorização que o jornalismo cultural tem concedido às celebridades, Piza (2003) afirma que as publicações estão cada vez mais superficiais.

Em *Época*, um reportagem acerca de uma celebridade brasileira, no entanto, se diferenciou dessa tendência do jornalismo cultural ao superficialismo: o perfil do



músico Johnny Alf, falecido neste ano. Apesar de não possuir fontes declaratórias, a reportagem de Luís Antônio Giron faz um resgate histórico abrangente da carreira de Alf.

Nas páginas 134 e 135, a mesma revista trouxe uma reportagem interpretativa sobre o sucesso que o então participante do *Big Brother Brasil 10*, Marcelo Dourado, tinha junto ao público na época. Ele pode ser denominado, segundo os conceitos de Daniel Piza (2003, p. 54), como celebridade *pop*, alguém que, como “pipoca explodindo do milho ou bola de chiclete estourando”, salta rapidamente aos olhos da população, tornando-se uma celebridade.

No decorrer da reportagem, a repórter Martha Mendonça abordou os motivos por trás da popularidade do participante do reality show, dando voz a especialistas diversos. O seguinte trecho evidencia essa abordagem:

Os especialistas em psicologia e comunicação de massa apontam para a mesma explicação: Dourado, mais velho e mais experiente do que os demais, encarna o papel do grande líder, do grande pai. Ele fala melhor do que os outros e suas frases parecem ter a força da verdade. Sabe ser carinhoso, tem uma palavra de conforto mesmo para os não aliados e pede desculpas quando acha que passou do ponto (MENDONÇA, 2010, p. 134).

A única foto da reportagem mostra Marcelo Dourado no chamado *confessionário* do programa. Com uma espécie de pano na cabeça e os braços estendidos para lados opostos, ele passa uma imagem confiante e forte.

Na seção *Vida útil*, da revista *Época*, a área gastronômica, que pertence ao universo cultural, apesar de não se tratar de uma linguagem artística ou intelectual (PIZA, 2003), abrangeu duas páginas inteiras. A reportagem tratou sobre o caviar que possui flocos de ouro puro, e abordou também outros alimentos sofisticados – entre eles, as trufas-negras (MASSON, 2010). Na segunda página da reportagem, há um box com uma receita. Sua diagramação – que não apresenta elementos de contraste – faz com que ele passe despercebido à primeira vista.

Na página 36 da edição de número 616 de *Época* há um guia do que se pode fazer em 12 horas. Entre as atividades sugeridas, estão a leitura do *Livro dos mortos* (que, segundo a seção, duraria uma hora) e a visitação ao *1º Salão dos Artistas sem Galeria*. Na página, há uma grande variedade de cores, assim como ilustrações e fotografias.



Seções como esta, em que predomina a publicidade de eventos e produtos, são responsáveis pela dúvida acerca da credibilidade do jornalismo cultural, já que, nelas, “as fronteiras entre a informação e o merchandising parecem não existir” (ASSIS, 2008, p. 187).

Após a análise dos textos das revistas *Época* e *Istoé* através de um recorte cultural, a capa de ambas as publicações também foi analisada. Nenhuma delas fez alusão aos conteúdos culturais abordados nas revistas.

Ao analisar a edição 617 de *Época* e 2105 de *Istoé*, é possível constatar que assuntos referentes à cultura foram encontrados em outras divisões das revistas. *Istoé* dedicou 13 notas e uma entrevista de três páginas em estilo pingue-pongue para abordar o tema. Já a revista *Época* contou com apenas uma nota cultural.

Nas duas publicações, a fotografia foi o que mais ganhou destaque nas reportagens, pois serve como complementação da informação e atrativo para o leitor. Uma das justificativas para o uso desse recurso é dada pela jornalista Marília Scalzo:

Fotos provocam reações emocionais, convidam a mergulhar no assunto, a entrar numa matéria. Por isso, ter boas fotos em mãos é fundamental. Elas devem excitar, entreter, surpreender, informar, comunicar idéias ou ajudar o leitor a entender a matéria (SCALZO, 2003, p. 70).

Em relação à diagramação, os veículos apropriaram-se de diversos recursos gráficos em todas as seções da editoria de cultura. Sobre isso, Sérgio Vilas Boas faz a seguinte afirmação: “É preciso lembrar que a revista é mais literária que o jornal no que se refere ao tratamento dado ao texto. Admitem-se usos estéticos das palavras e recursos gráficos de modo bem mais flagrante que os jornais. Além disso, a revista é mais artística quanto aos aspectos de programação visual” (VILAS BOAS, 1996, p. 71).

A respeito dos assuntos culturais que estão presentes em outras editorias da revistas, merece destaque a abordagem do prêmio cinematográfico Oscar. Ambas apropriaram-se de imagens grandes e atrativas e de títulos que chamam a atenção para a leitura.

A página 83 de *Época* ganhou ênfase ao ter sido preenchida pela fotografia da atriz Kristen Stewart, que foi complementada pelo título *Gaguejou no Oscar* (COLAVITTI, 2010). Foram poucas as linhas dedicadas à informação, e a letra que compõe o texto é pequena.



O mesmo acontece com a revista Istoé, que direcionou o foco do tema para a atriz Sandra Bullock. A foto também foi exposta em tamanho grande dentro da página e, assim como em *Época*, foi seguida por um título atrativo: *Do lixo ao luxo* (CRIVELARRO; JORDÃO, 2010). Quanto ao uso desses recursos, o autor do livro *Guia para a edição jornalística* faz a seguinte consideração:

Títulos, fotos, cada matéria isolada e sua posição na página, todos são enunciados, autônomos. O conjunto, o que eles comunicam ao serem organizados numa dada apresentação, emite também a ele uma mensagem, o que especialistas caracterizam por ‘enunciação’ (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 98).

Ambas as revistas abordaram a maior exposição sobre Andy Warhol no Brasil, e abriram a primeira página de suas reportagens com obras do artista. Istoé optou por uma imagem de Marilyn Monroe em cores vibrantes, enquanto que *Época* utilizou a foto da obra *Auto-retrato*.

Istoé dedicou três páginas para abordar a exposição, tendo intitulado o assunto como *Conto de fadas americano*. O texto escrito pela jornalista Paula Alzugaray tratou de forma superficial a história de Warhol. Apesar disso, as páginas dedicaram espaço para cinco imagens referentes às obras do artista, que foram mescladas com três colunas de texto.

A revista *Época* preferiu usar o título *O profeta da cultura pop* para destacar a matéria sobre Andy Warhol. Assim como ela, Istoé dedicou poucas linhas da reportagem para a entrevista com o curador da mostra, Philip Larrat.

Em relação à abordagem do tema, ambas as publicações deram ênfase ao perfil de Warhol até este ter se tornado um dos mais bem pagos ilustradores de revistas e de publicidade de Nova York. No entanto, *Época* tratou o assunto com maior riqueza de detalhes.

Outra similaridade dos dois veículos ao abordar a exposição sobre Warhol foi o uso de uma linguagem mais solta para abrir o texto das reportagens. No entanto, o início das reportagens teve enfoques diferenciados. Istoé iniciou o texto da seguinte forma:

Era uma vez um patinho feio. Filho de trabalhadores imigrantes do Leste Europeu e criado na periferia de Pittsburgh, na Pensilvânia, durante a grande depressão americana, Andrew Warhola- nome de batismo de Andy Warhol (1928-1987) - foi um garoto franzino e sem graça [...] (ALZUGARAY, 2010, p. 95).



Abaixo, segue o início da reportagem referente à revista *Época*:

Se há um hábito capaz de unir os diferentes estilos de vida do homem contemporâneo, é o consumo Talvez essa não seja a ideia revolucionária hoje. Mas nos anos 60, quando Andy Warhol apareceu no campo das artes reproduzindo em suas pinturas latas de sopas iguais [...] (SHIRAI, 2010, p.101).

Quanto à reportagem de revista, Marília Scalzo (2003) afirma que cores, cheiros e descrições são fundamentais. Ela comenta também que apresentar os personagens, humanizar as histórias e utilizar detalhes nas descrições são recursos que valorizam uma matéria. Para ela, aprender técnicas narrativas e de construção de personagens é fundamental para quem quer escrever grandes reportagens.

Outro ponto de destaque na reportagem de *Época* foi o emprego de infográficos em duas páginas. Esse recurso atuou como um mecanismo para identificar os artistas que utilizam conceitos e práticas que Andy Warhol introduziu.

Em seu livro *Jornalismo de revista*, a jornalista Marília Scalzo faz o seguinte comentário sobre o uso de infográficos: “Assim como a fotografia, os infográficos estão no primeiro nível de leitura de qualquer meio impresso [...] É ali que o leitor deposita, inicialmente, sua atenção, e pode ser por meio deles que o leitor decida ler ou não a matéria (SCALZO, 2003, p. 74). O uso desse recurso também é justificado por Luiz Costa Pereira Júnior, que afirma que o infográfico é a informação jornalística em linguagem gráfica.

Além disso, a diagramação da revista deu espaço a algumas notas - todas seguidas de imagens – onde foram comentaram as principais obras do artista, solução que acabou facilitando e incrementando a abordagem do assunto.

O cinema também esteve em evidência na *Época*. Um dos destaques dessa edição foi a entrevista pingue-pongue com Colin Firth e Tom Ford, realizada pelo correspondente da revista em Nova York, Marcelo Bernardes.

Em termos de estética, o diagramador deixou as fotos dos entrevistados no centro das duas páginas. Nesse caso, se confirma o comentário de Marília Scalzo (2003), que afirma que a fotografia é o atrativo da leitura de uma reportagem.

Na mesma seção – *Mente aberta* – há comentários sobre os filmes *Criação* e *Um Sonho Impossível*. A abordagem de *Criação* foi bastante aprofundada, e teve como título *Darwin, o homem que enfrentou Deus*. Como a produção cinematográfica aborda o contexto da vida de Charles Darwin, a trajetória do pensador foi comentada com



grandes detalhes no decorrer da reportagem, tendo sido abordado, inclusive, o relacionamento do cientista com sua família (MOON, 2010).

Para descrever *Um sonho impossível*, o repórter Luís Antônio Giron foi mais sucinto. Ele contou a história do filme de John Lee Hancock e fez alguns comentários breves sobre a atuação da atriz Sandra Bullock - que foi citada no título da matéria (GIRON, 2010).

Ainda em relação à cinematografia, o jornalista da Istoé, Ivan Cláudio, utilizou as páginas 98 e 99 para comentar sobre os escritores Dennis Lehane, Cormac McCarthy e James Ellroy. Já a página 105 foi utilizada pra divulgar algumas notas sobre cinema, com explanações sobre alguns filmes indicados ao Oscar.

Quanto aos livros, Istoé deu espaço à obra *Mulheres na Guerra*, de Claude Quétel, que resgata fotos e documentos que revelam a real participação feminina nos combates (RANGEL, 2010). As imagens que foram utilizadas por Quétel em sua obra preencheram as páginas 102 e 103 da publicação. Dessa forma, elas complementaram a informação e direcionaram o olhar do leitor para as fotografias.

Natália Rangel - a repórter que escreveu a matéria - deu prioridade à história de algumas personagens retratadas no livro, mas também dedicou espaço para abordar o alistamento militar feminino que ocorria na União Soviética desde 1925.

Já a revista *Época* optou por abordar o lançamento do livro *Criação Imperfeita - Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza*, de Marcelo Gleiser. Nesta reportagem, há um infográfico com imagens e pequenos textos que indicam ao leitor uma cronologia de 25 séculos, que começa com Tales de Mileto e termina em Albert Einstein (MOON, 2010).

Nessa seção da revista, também foi abordado o fato de o escritor Liev Tolstói ter reduzido sua derradeira novela de duas mil para duzentas páginas. A reportagem foi iniciada com um breve resumo dos 82 anos de vida do autor (GIRON, 2010). Na mesma página, há uma lista com os livros mais vendidos no mundo, divididos entre as categorias ficção, não ficção e auto-ajuda.

A edição de número 617 de *Época* consagrou duas páginas exclusivas para comentários televisivos, ao contrário de Istoé, que deu preferência a assuntos referentes ao teatro. Um dos comentários tratou da nova série de documentários de natureza realizada pelos canais *BBC* e *Discovery Channel*. Entre as fotografias presentes nas páginas, se destaca a que mostrou o ataque de uma foca-leopardo (que possui uma grande diversidade de cores e está em tamanho grande).



Já a edição de número 2105 da revista Istoé abordou a peça *A Gaiola das Loucas*, estando a fotografia dos atores Miguel Falabella e Diogo Vilela - situada na parte superior esquerda da página - em evidência. Para Marília Scalzo (2003), design em revista é comunicação e informação, algo importante para tornar esse veículo e suas reportagens mais atrativas e mais fáceis de ler.

Quanto à capa⁶ das duas revistas, nenhuma abordou assuntos referentes à cultura, nem mesmo em manchetes.

Considerações Finais

Ao analisar as duas primeiras edições de Época e Istoé do mês de maio de 2010 através de um recorte cultural, foi possível perceber pontos em comum entre elas, além de diferenças.

As quatro edições deram destaque a livros recém-lançados e a obras cinematográficas, através de reportagens, entrevistas e diagramações visualmente atraentes. Apesar disso, as revistas optaram por focos completamente diferentes em relação a esses temas.

Em todas as publicações - especialmente nas edições 616 de Época e 2105 de Istoé - foi possível visualizar matérias e notas que trataram de celebridades da atualidade. A edição de número 616 trouxe, inclusive, uma reportagem sobre a popularidade do vencedor do último Big Brother Brasil – Marcelo Dourado.

A divulgação de espetáculos e produtos culturais também permeou as quatro revistas analisadas neste trabalho, mas esteve presente com maior evidência nas duas edições da revista Istoé – que reservou a seção *Em cartaz* para essa abordagem.

Em termos de estética, as quatro revistas são interessantes. Nelas, o elemento visual que predominou foi a fotografia – que ilustrou desde notas de celebridades até reportagens mais extensas. As duas edições de Época, no entanto, exploraram melhor esse aspecto, tendo apresentado uma grande variedade de recursos visuais, tais como infográficos, ilustrações e artes explicativas.

Constata-se, portanto, que a abordagem cultural das quatro revistas analisadas está atrelada ao que Daniel Piza (2003) classifica como *jornalismo de agenda*, já que quem pautou as duas primeiras edições de Época e Istoé do mês de março foi a chamada *indústria cultural* - que engloba os últimos lançamentos do mercado.

⁶ Segundo Scalzo (2003, p. 62), “uma boa revista precisa de uma capa que a ajude a conquistar leitores e levá-la para casa”. Além disso, Sérgio Vilas Boas (1996) define a capa de uma revista como sendo a sua embalagem.



Além disso, o fator *entretenimento* esteve presente em todas as revistas, que expuseram ao leitor curiosidades acerca de celebridades em colunas, notas e matérias. Dessa maneira, as publicações compactuam com a tendência que Lydianne de Paula Ribeiro Gonzalez (2009) aponta em seu artigo: a presença cada vez mais constante do valor-notícia *entretenimento* dentro do jornalismo cultural.

Referências bibliográficas

ALZUGARAY, Paula. Conto de fadas americano. **Istoé**, São Paulo, n. 2105, p. 95-105, mar. 2010.

ALZUGARAY, Paula. História em branco. **Istoé**, São Paulo, n. 2104, p. 126-127, mar. 2010.

ASSIS, Francisco de. Jornalismo cultural brasileiro: aspectos e tendências. **Estud. Comum.**, Curitiba, v. 9, n. 20, p. 183-192, set./dez. 2008.

BERNARDES, Marcelo. Entrevista com Martin Scorsese. **Época**, São Paulo, n. 616, p. 130-131, mar. 2010.

BERNARDES, Marcelo. Entrevista com Robert Pattinson. **Época**, São Paulo, n. 616, p. 128-129, mar. 2010.

CAVALCANTI, Bruna. Lady E.T. **Istoé**, São Paulo, n. 2104, p. 26, mar. 2010.

CLAUDIO, Ivan. Código DiCaprio. **Istoé**, São Paulo, n. 2104, p. 119-120, mar. 2010.

COLAVITTI, Fernanda. Gaguejou no Oscar. **Época**, São Paulo, n. 617, p. 83, mar. 2010.

CRIVELLARO, Débora; JORDÃO, Cláudia. **Istoé**, São Paulo, n. 2105, p. 81, mar. 2010.

DEODATO, Livia. O leitor. **Época**, São Paulo, n. 616, p. 119-123, mar. 2010.

GIRON, Luís Antônio. A redenção de Sandra Bullock. **Época**, São Paulo, n. 617, p. 108, mar. 2010.

GIRON, Luís Antônio. A última aventura de Tolstói. **Época**, São Paulo, n. 617, p. 120, mar. 2010.

GONZALEZ, Lydianne de Paula Ribeiro. Jornalismo cultural: Interfaces entre cultura e entretenimento. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2009, Rio de Janeiro. **Anais**. Votuporanga: Centro Universitário de Votuporanga, 2009. Disponível em: <<http://200.136.53.130:13580/cdrom/2009/intercom/sudeste/cd/expocom/EX14-0616-1.pdf>>. Acesso em: 23/03/2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 189 p.

MASSON, Celso. Uma jóia de comida. **Época**, São Paulo, n. 616, p. 115-116, mar. 2010.



- MENDONÇA, Martha. Os brutos também jogam. **Época**, São Paulo, n. 616, p. 134-135, mar. 2010.
- MOON, Peter. A ciência de pernas para o ar. **Época**, São Paulo, n. 617, p. 116-117, mar. 2010.
- MOON, Peter. Darwin, o homem que enfrentou Deus. **Época**, São Paulo, n. 617, p. 112-113, mar. 2010.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petropolis: Vozes, c2006. 198 p. (Fazer jornalismo).
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. 143 p. (Coleção comunicação).
- RANGEL, Natália. Faroeste caboclo. **Istoé**, São Paulo, n. 2104, p. 124, mar. 2010.
- RANGEL, Natália. Mulheres no front. **Istoé**, São Paulo, n. 2105, p. 102-103, mar. 2010.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003. 112 p. (Coleção comunicação).
- SHIRAI, Mariana. O profeta da cultura pop. **Época**, São Paulo, n. 617, p. 101-121, mar. 2010.
- VENTICINQUE, Danilo. Em defesa do grande jurista. **Época**, São Paulo, n. 616, p. 124-125, mar. 2010.
- VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996. 129 p.
- WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Callis, 2006. 193 p.